

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
ANO III — Número 957  
Quarta-feira, 4 de Janeiro de 1922  
PREÇO \$10 CENTAVOS

Reaberta a nossa sede e regulariza-  
dos todos os trabalhos nas nossas ofi-  
cinas, A BATALHA voltará de amanhã  
em diante a publicar-se com 4 páginas,  
devendo toda a correspondência ser-nos  
enviada para a sede própria.

## A grande mistificação monárquico-republicana

A opinião pública dos polícticos é  
uma burla forjada contra a ver-  
dadeira opinião colectiva

De facto, os estadistas-polícticos que temos tido  
por esses múltiplos ministérios, como bons demo-  
cratas que se prezam ser, tem apenas governa-  
do (?) exclusivamente pela força, com baionetas e  
metralhadoras a defendê-los, e contra a autêntica  
opinião pública, que desconhecem ou fingem des-  
conhecer na sua pimplonice de ruídos, que vivem  
à custa dessa prostituta chamada Políctico.

A opinião pública que eles dizem seguir, para  
dar aos seus actos um bufónico verniz democrá-  
tico, é a que se publica por esses jornais a sôdo  
dos magnates, traficantes e industriais, como é  
fácil de provar, quando as comadres se insultam  
e atiram umas às outras, às mãos cheias, a lama  
em que chafurdam.

Essa opinião pública forjada nos gabinetes dos  
ministérios, nos escritórios das grandes companhias,  
nas redacções dos jornais burgueses ou nas mesas  
duma «Brasileira» é uma burla. Essa opinião públi-  
ca, é o artigo de fundo da gazeta burguesa, pago,  
umas vezes a dinheiro, outras a tróco de conces-  
sões, de privilégios dados às forças do olho vivo,  
que fazem parte da empresa ou sustentam finan-  
ciariamente essa gazeta. E em nome duma postica  
opinião pública, que é o que quer que ela seja o gaze-  
teiro, se faz a mais pura chantagem... política.

Ainda não há muito um jornal, um colosso, ati-  
rava à cara dum ministro, num momento de desa-  
bato de mal recompensado favor, o papel que ele  
desempenhara na campanha criadora da atmosfera  
justificativa da intervenção de Portugal nos cam-  
pos agueridos da Flandres; e isto com grave pre-  
juizo da sua popularidade, e da sua... tiragem.

E assim, logo após as nomeações escandalosas  
de pessoas parentes e amigas do ministro da jus-  
tiça do governo provisório, logo após os sangren-  
tos acontecimentos de Setúbal, defendidos pelo en-  
tão ministro do interior, logo após a lei das gre-  
ves da autoria do então ministro do fomento, os  
governos da república tem-se afastado cada vez  
mais da autêntica opinião pública e contra ela tem  
governado!

Não sabendo, não querendo, ou não podendo li-  
gar-se a ela, basear-se nela, eles tem tido, justa-  
mente por isso, uma vida efêmera, artificiosa, fun-  
dada unicamente na violência das espadas. E como  
estas se fazem pagar caro e tomam a importância  
que nunca devia ter-lhes sido dada numa repú-  
blica... democrática, elas voltam-se contra o fei-  
teiro e este é também vítima da sua própria obra  
de inépcia e de cegueira.

Ontem foi o campo entrançado, o corpo de  
tropas da guarnição de Lisboa, a polícia de cari-  
bas e metralhadoras, hoje é a guarda nacional  
republicana, armada até aos dentes, espalhada por  
toda essa Lisboa, por todo esse país! E daqui o  
regime autoritário de revoltas de caserna, de movi-  
mentos de espadas, com o seu tacanho psiquismo  
de resolver tudo à força, pela violência, para pôr  
tudo isto no lindó estado em que nos encontramos.

E' uma nova edição da guarda pretoriana que  
assassinava os imperadores romanos para terem a  
gratificação que a praxe estabeleceu ao subir ao  
trono um novo imperador.

Os grandes estadistas, — incompetentes e igno-  
rantes para se estriarem na verdadeira opinião  
pública e só nela se inspirarem, — apelam, para se  
equilibrarem no mando, para a força armada, mas...  
esta, julgando-se imprescindível, volta-se contra  
quem lhes dá a força e é ela quem manda neles e...  
em nós o que é muito pior! E isto é que é uma  
democracia!

A opinião colectiva é desprezada,  
escarnecida. O povo é zero ao  
lado das grandes companhias  
monopolizadoras dos serviços  
públicos

Sim, não há respeito pela verdadeira opinião  
pública, por aquela que nasce espontaneamente da  
massas profundas das multidões, e que tem a qua-  
lidade de ser honesta e de traduzir sempre o sen-  
tir, o ideal colectivo no que ele tem de sincero e  
de interesseiro.

Parce até que é de propósito, por acinte que a  
contrariam. Tudo que a opinião colectiva manifes-  
ta, deseja, quer na sua intuição da verdade é ca-  
prichosamente posto de parte ou destruído.

Poi contra a opinião colectiva que se cometeu  
esse erro, que reduziu num crime, cujas conse-  
quências estamos sofrendo, da intervenção guer-  
reira na grande chacina europeia!

U. S. O.  
Comissão administrativa  
Na respectiva sede reúne hoje, pelas  
21 horas, a comissão administrativa  
deste organismo para se ocupar de im-  
portantes assuntos, sendo por esse facto  
imprescindível a comparencia de todos  
os seus componentes.

As estradas  
A câmara municipal de Estarreja  
chamou a atenção do governo para o  
estado deplorável em que se encontra a  
estrada de Torreira a Couto de Estrelas,  
pedindo que se mande proceder  
aos necessários trabalhos de reparação.

LEDE  
NOVELA VERMELHA

E quem se atrevesse a protestar era perseguido,  
prêso, apodado de traidor, de germanófilo, etc.,  
etc. Democráticamente amordaçado Portugal foi  
arrastado para a actual miséria. Isto é que é uma  
democracia!

Foi e tem sido contra a opinião do povo, que a  
todo o momento, qual regime realengo, se tem cal-  
cado um a um todos os direitos e aspirações de  
liberdade de pensamento, de associação, de dispor  
cada qual de si próprio, de garantias de viver li-  
vre, de existência física!

A edilidade alfacinha resolve, no seu elevado  
bestunio, alterar o Rossio «sob um plano mais  
grandioso». O povo não quer e protesta. Em nome  
da democracia que nos governa enche-se a praça  
da democracia e à força, prendendo quem  
simplesmente alterasse a voz ou conversasse sobre  
o assunto, teima-se nessa beleza que todos nós es-  
tamos presenciando.

Tem sido isto a democracia... portuguesa.

Isto é que é uma república, porque  
se não fosse assim não era uma  
república

O povo é maltratado por toda a gente!  
Se entra numa loja, depois de esperar longo  
tempo, quasi lhe batem se não se conforma com  
o favor dos preços que lhe podem. Se sobe a uma  
secretaria ou repartição pública esbarra logo com  
«E' proibida a entrada a pessoas estranhas ao ser-  
viço», e é muito humildemente, com toda a pa-  
ciencia possível e imaginável, à custa de muito  
tempo, gasto e perdido a esperar, que consegue  
ser atendido por favor numa coisa a que tinha di-  
reito. Se quer motor-se num eléctrico, num com-  
bóio, precisa de andar em bolandas e pisado, mal-  
tratado, insultado lá vai ele dependurado no es-  
tribo em risco de perder a vida, e lá segue, por  
favor. Se quer comer, vá para as bichas, onde se  
regulariza o serviço do empurrão e de os paisanos  
serem preteridos pelos polícticos, guardas republi-  
cânos e outros militares.

E isto é que é democracia!  
«Os serviços das lojas, das fabricas, dos campos,  
das secretarias, dos escritórios, das companhias  
não são organizados para comodidade do público,  
para prestar serviços ao público, ao povo!»  
As companhias das aguas... porcas e escassas,  
do gaz e electricidade... que não ilumina e põe  
Lisboa às escuras, dos eléctricos... que nos atro-  
pelem sem horários, dos caminhos de ferro...  
que descarrilam, com tarifas elevadas, dos tóso-  
ros... que não acendem, dos tabacos... que não  
ardem, das pescarias... que não pescam, da lim-  
peza da cidade... que mantem as imundices por  
essas ruas fora, todas elas tem os seus monopó-  
lios, não para ganhos e perdas, mas só para ga-  
nhos, porque, se há perdas o povo que as pague  
por meio de aumentos de preço! E os seus ser-  
viços são desorganizados de maneira que o povo seja  
o mais incomodado possível e que a todo o mo-  
mento seja vexado, insultado e maltratado! A sua  
desorganização, e dos serviços públicos, é feita  
contra o povo, para o explorarem e o espesinha-  
rem.

Vive-se ainda, pelos costumes, em plena idade  
média em que as multidões era despresivelmente  
tratadas pelos suseranos.

Não há respeito, não há contemplação alguma  
por elas! Elles, os potentados, é que fazem mise-  
ricordiosamente o favor, como os polícticos fazem  
o sacrificio de serem ministros, de prestar serviços,  
caros e maus, ao povo!

E isto é que é democracia! E isto é que é espi-  
rito democrático... republicano!

O regime republicano-democrático  
é uma ficção, uma burla

E' porque succede assim?  
Porque o regime republicano, democrático, é uma  
autêntica ficção social, é uma mistificação, uma  
descarada mentira.

Onde há governo, há despotismo, incompetência,  
abuso de autoridade, tirania, — ainda que as leis  
finjam dizer o contrário e alguns ingénuos digam  
«que esta não é a república que sonharam.»

Se sonharam no tempo da propaganda outra  
coisa que não é isto, é porque idealizaram outra  
coisa mais perfeita do que uma república, uma  
democracia, uma coisa mais avançada.

Porque, meus senhores, se uma monarquia cons-  
titucional foi aquilo que para nós enojou e revol-  
tou a todos até 1910 — e ao qual não quizesmos vol-  
tar — uma república é isto e só isto. Se fosse  
outra coisa deixava de ser república.

Instrução  
Foi aberto concurso para provimento  
de uma vaga de professor efectivo do  
7.º grupo do liceu de Faro.

— Foi nomeado inspector geral in-  
terino de sanidade escolar, o chefe da  
secção da secção primária e normal, dr.  
sr. Pacheco de Miranda, enquanto du-  
rar o impedimento do inspector efec-  
tivo, dr. sr. Sebastião Cabral da Costa  
Sacadura.

## Ainda o desastre

“A Batalha”  
Foram ontem reabertas as  
nossas oficinas, conti-  
nuando encerrados os  
outros organismos

Realizou-se ontem o que prevíamos.  
Cerca das 17 horas o chefe da policia  
de S. do E., acompanhado por alguns  
agentes da mesma corporação vieram  
passar uma rigorosa busca às depen-  
dências onde as nossas oficinas estão  
instaladas, o mesmo acontecendo às  
dependências da C. G. T., U. S. O.,  
F. C. C. e outros organismos, nada en-  
contrando de compromettedor para a  
organização sindical.

Essa busca foi igualmente feita à depen-  
dência onde se deu a conhecida fa-  
lta, onde se verificou a existência  
de vários materiais.

Era crente de todos que assistiram  
a esses trabalhos de investigação que  
estes seriam os últimos, bastando ape-  
nas que a autoridade mandasse proce-  
der à remoção de tudo quanto havia na  
referida depenência, visto já nada ha-  
ver que determinasse as medidas de  
prevenção até então executadas.

Não aconteceu, porém, assim. Por  
ordem do director da P. S. E., todas  
as dependências da organização sindical  
foram de novo encerradas e seladas as  
respectivas portas.

Não se justifica já este procedimento,  
averiguado e demonstrando como está  
que, nessas sedes nada tido como com-  
promettedor existe e que aqueles or-  
ganismos foram inteiramente estranhos à  
triste ocorrência.

Apenas as oficinas de A Batalha po-  
dem funcionar. E se este facto nos ha-  
bilita a poder trabalhar mais à vontade  
— o que nos satisfaz — o mesmo não  
acontece com os organismos no mesmo  
prédio instalados.

E porque não é plausível este proce-  
dimento por parte da autoridade, pois  
então haverá margem a supor-se que  
há injustiça, de crer e que esta situação  
termine ainda hoje, tam certo é a pró-  
pria autoridade não ter conveniência em  
que a restante organização operária se  
manifeste ostensivamente, obser-  
vando que os seus organismos centrais  
estão impossibilitados de funcionar nor-  
malmente.

O funeral das vítimas reali-  
za-se amanhã da Mor-  
gue para o Alto de S.  
João

E' amanhã que se realiza o funeral  
dos camaradas Jaime Figueiredo, Ar-  
mando dos Santos e Joaquim Estrela,  
vítimas do lamentável desastre ocor-  
rido numa das dependências do edificio  
onde está instalada A Batalha e vários  
organismos operários.

Embora tivéssemos considerado le-  
viano, próprio das suas idades juvenis,  
o gesto desses camaradas, pelo facto de  
se dedicarem à tarefa fatal num edificio  
onde fácil seria comprometer os or-  
ganismos operários, não deixamos de re-  
conhecer, porém, que Armando dos  
Santos, Joaquim Estrela e Jaime de Fi-  
gueiredo foram mais três sacrificados  
na defesa da liberdade e da qualidade,  
a princípios que lhes possiam apontar.

Não houve uma sociedade injusta  
que semeia a fome pelos lares dos tra-  
balhadores; não houve um regime de  
trabalho que reduz o operário a escravo  
sem direitos, sem pão e sem bem-  
estar; não houve preparativos e pro-  
pósitos revolucionários da parte dos  
conservadores para cercar as libe-  
dades populares, esmagando o operariado  
já tam sobrecarregado — e também não  
haveria vidas em risco, vidas novas que  
se arriscassem, com flor da existência,  
a manipular tenebrosas armas de defesa.

Agora que a um dia decorreram  
sobre o momento trágico que tanta  
vítima originou; agora que, serenamen-  
te, os nervos acalmados, regressamos à  
nossa casa e deparamos com as largas  
manchas sangrentas que estes corpos  
infelizes desenharam macabramente no  
sobrado que pisamos; reconhecemos o  
valor da vida, sobretudo quando ela é  
vigorosa e juvenil, e não podemos de-  
ixar de ver na morte dos jovens opera-  
rios um sacrificio cujo fruto saboroso  
a legião dos escravizados aproveitará  
um dia.

Amanhã, pelas 13 horas, serão trans-  
portados para o Alto de S. João os res-  
tos mutilados e inertes de Armando dos  
Santos, Joaquim Estrela e Jaime de Fi-  
gueiredo. E estamos certos que entre  
grande parte do operariado eles encon-  
trarão corações condóidos que não os  
desampararão até à última morada.

Um convite da Federa-  
ção das Juventudes  
Sindicalistas

A Federação das Juventudes  
Sindicalistas convida todos os  
organismos sindicais e revolu-  
cionários, assim como o opera-  
riado em geral a tomar parte  
no funeral das camaradas Ar-  
mando dos Santos, Joaquim Es-  
trela e Jaime de Figueiredo.

Grupo Libertário «Facho  
Vermelho»  
Este grupo resolve fazer-se represen-  
tar por todos os sócios no funeral dos  
camaradas Jaime de Figueiredo, Joaquim  
Estrela e Armando dos Santos.

Sindicato Têxtil de Guima-  
rães  
GUIMARÃES, 1. — T. — O Sindicato  
Têxtil de Guimarães, na sessão solene co-  
memorativa do seu aniversário, envia  
sentimentos pelas vítimas do desastre. —  
Mendes.

Uma saudação  
ROSSIO, 3. — T. — Um viva ao valo-  
roso arauto do proletariado português  
e um abraço aos camaradas que dele  
fazem parte. — António Barreiros.

Sindicato Unico da Cons-  
trução Civil  
NOTA OFICIOSA  
Tendo reunido o Conselho Adminis-  
trativo foi largamente apreciada a at-  
titude de protesto que os componentes  
da indústria estão manifestando pela  
razão de ainda se achar encerrada a  
sede deste organismo, tendo o Con-  
selho resolvido fazer constar por esta  
forma que as demarches continuam  
para o consequente de abertura da  
sede, esperando-se que seja hoje, razão  
porque se aconselha aos operários da  
indústria que aguardem o resultado  
das demarches de hoje; nada se conse-  
guindo, convocar-se-á uma reunião  
onde será apreciada a situação em que  
se encontra o sindicato.

A Comissão Administrativa  
Junta Nacional das Joven-  
tudes Comunistas  
Reunido extraordinariamente o comi-  
tê executivo e apreciando os lamen-  
táveis sucessos ultimamente ocorridos  
no seio da organização revolucionária,  
expressa publicamente o seu profundo  
pesar pela perda dos camaradas márti-  
res do seu acrisolado sacrificio pelas  
liberdades do povo, bem como repudia  
as infames insinuações da imprensa  
mercenária burguesa e algumas afirma-  
ções inconsequentes de militantes evo-  
lucionários. Mais lembra a todos os  
jovens comunistas o dever de, por to-  
dos os modos, contribuir para que a  
manifestação fúnebre aos mártires re-  
vista a maior manifestação de solidarie-  
dade revolucionária.

## Propriedade privada e propriedade comum

Em que se analisa um artigo  
do sr. Carlos Babo e se diz  
o que não lhe ocorreu...

Anteontem, no Diário de Lis-  
boa, o sr. Carlos Babo fez num  
artigo realmente bem escrito, a  
defesa do capital acumulado, desde  
que este seja aplicado em qual-  
quer campo de actividade. E' uma  
teoria bonita e velha. E só admi-  
timos que haja alguém que a de-  
fenda desde que esteja animado  
duma boa fé extraordinária. E'  
natural que o sr. Carlos Babo se  
encontre animado dessa boa fé.

Analise o artigo do sr. Babo.  
Diz ele assim:

O maior desenvolvimento da riqueza  
é a maior extração de todos os frutos  
da terra, pela maior extração de to-  
das as suas forças, pelo maior aprovei-  
tamento de todas as suas energias.

Pela sabia, justa e económica distri-  
buição de todos os frutos da terra, re-  
alizando todos a função sagrada de vi-  
ver.

Até aqui estamos de acordo  
com o articulista. A seguir o  
sr. Babo deixa o verdadeiro ter-  
reno para começar a colocar-se  
numa situação falsa. Combate o  
assambramento do dinheiro  
quando o seu possuidor não o  
emprega em qualquer empresa,  
mas não combate o principio de  
capitalização, senão deixa-se:

Perturbar essa função é negar a hu-  
manidade o direito de viver; e paral-  
sar a riqueza, assambrando o dinheiro  
em proveito exclusivo de poucos, re-  
presenta o esbulho do direito de todos,  
a condenação à miséria e a morte, da  
maior parte dos membros da mesma  
família, dos filhos da mesma pátria, dos  
irmãos da mesma humanidade... E' o  
reconhecimento indiscutível, necessário,  
fatal, da revolta.

Viram os leitores? Quando o  
assambramento do dinheiro, isto é,  
a capitalização é feita «em pro-  
veito exclusivo de poucos»; o sr.  
Babo irrita-se, diz coisas feias e  
muito justas apesar de feias. Mas  
se essa capitalização deixar de ter  
o aspecto odioso da estagnação, do  
assambramento em proveito de  
poucos» e se tornar o benefício de  
muitos, ou melhor, quando for as-  
sambrado por muitos o sr. Babo  
aprova, o sr. Babo acha que essa  
capitalização é muito útil.

E tanto é verdade o que vimos  
dizendo, tanto é verdade que o sr.  
Babo, combatendo o rico que não  
trabalha, o rico a que muito justame-  
ntemente chama improdutivo, preten-  
de salvar o principio de capitaliza-  
ção, salvaguardar a sociedade capi-  
talista com ricos que, gozando as  
suas riquezas, mantenham os po-  
bres numa pobreza embora mais  
suave, no útil fim de não desman-  
char a máquina da produção tal se  
encontra actualmente montada;

tanto é verdade o que vimos dizendo  
que a seguir, como vamos ver,  
começa a sovar os pobres que in-  
vejam os ricos quando pretendem  
também gozar fortunas improduti-  
vas e acumuladas. O sr. Babo es-  
quece, ou ignora, que há pobres  
que combatem o rico não por dese-  
jarem ser ricos também, mas por-  
que possuem uma concepção mais  
justa e mais equitativa da socie-  
dade. Esquecendo este pormenor,  
o sr. Babo combate apenas o rico  
que nada mais faz do que dedica-  
se ao estafante trabalho de manter-  
se rico e zurzo o pobre que, sendo  
espiritualmente um parasita, ape-  
nas inveja a riqueza e a preguiça.

Tudo estaria muito bem se o  
sr. Carlos Babo não chamasse,  
como adiante chama a este con-  
flito de invejas, a questão social.  
Os leitores vão ter a confirmação  
do que atribuímos ao articulista  
pelos trechos que passamos a  
transcrever:

A questão social posta, porém, no pé  
em que a tem posto uns e outros... não  
tem solução.

Nem uns nem outros têm a noção dos  
seus direitos e dos seus deveres. Nem  
uns nem outros têm a consciência das  
suas responsabilidades.

E continuando a falar desta luta  
de invejas, de ricos que querem  
continuar a ser ricos e de pobres  
que desejam ocupar o lugar dos  
ricos, o sr. Babo enfurece-se e  
começa à pancada aos ricos impro-  
dutivos e, julgando talvez que  
nos atinge, aos pobres cobiçosos:

Entendem os ricos improdutivos que  
viver é gozar à tripa torra a riqueza de

todos, satisfazendo todas as instintivas  
paixões do corpo e alimentando de ví-  
cios a preguiça da alma, a densidade  
que lhes calafeta o espirito. Julgam os  
pobres que, por serem uma parte do  
mecanismo da produção, têm mais di-  
reito ao logar que ocupam os ricos.

Os primeiros metem a moeda em co-  
fre, avaramente, applicando-a exclusi-  
vamente, no gozo pessoal e egoísta.

Os segundos, apenas, e cegamente,  
seduzidos pela reluzência do ouro guar-  
dado pelos ricos, sentem a tentação in-  
resistível da inveja; choram e revoltam-  
se, por não terem nas mãos, nas gaves,  
fechado a sete chaves também, o di-  
nheiro dos ricos. Uns e outros, confun-  
dindo, falsa e perigosamente, o dinhei-  
ro com a riqueza, permanecem enraive-  
cidos, frente a frente, cavando cada vez  
mais o abismo como em que ambas as  
partes enterram o bem estar social: os  
ricos improdutivos, mantendo-se feroz-  
mente agarrados de unhas e dentes ao  
dinheiro, que nada produz; os pobres  
telmosamente presos ao anacronismo  
estúpido da distribuição egualitária do  
dinheiro, da dispersão do capital, da  
pulverização das energias, e portanto,  
da incapacidade produtiva: — a misé-  
ria, a desordem, a ruína social em am-  
bos os casos.

Ora é tempo de dizer-se ao sr.  
Carlos Babo que a questão social  
não é bem a inveja do pobre, nem  
o desejo que qualquer desgraçado  
inconsciente sente de ver reparti-  
dos irrimediavelmente os muitos contos de  
réis que para ali andam acumulados  
por esses cofres-fortes. Só quem  
não vir dois palmos em frente de  
nariz pode chamar à distribuição  
igualitária do dinheiro a solução da  
questão social.

De que serviria essa distribui-  
ção igualitária da moeda se passa-  
dos oito dias, os que melhor especu-  
lassem, os que melhor enganar-  
sem o companheiro, aumentavam  
a sua riqueza particular, dando  
origem a novas desigualdades, a  
novos improdutos, que a título de  
gozar o que era seu, gozavam  
apenas o que aos outros arranca-  
vam?

A questão social está funda-  
mentalmente noutro ponto que o  
sr. Babo não aborrou. A questão  
social está exactamente na posse in-  
dividual da propriedade, de que  
o dinheiro é um simples efeito  
especulativo. Pretender distribuir  
equitativamente o dinheiro seria  
simplesmente dar outro aspecto à  
propriedade privada, mas nunca  
inutilizar esse principio, nunca  
acabar com o verdadeiro mal.

O que os pobres mais conscien-  
tes, os revolucionários pretendem  
é terminar com a propriedade pri-  
vada, e torná-la comum, sem que  
nenhum homem possa dizer: «este  
pedaço é meu», mas que todos  
possam exclamar: «a terra é  
nossa!»

O que os pobres mais conscien-  
tes desejam, é que, sem afectar  
os direitos de todos, cada homem  
possa, desde que produza segun-  
da a sua capacidade física ou in-  
tellectual, satisfazer tanto quan-  
to possível as suas necessidades.

Como vê o sr. Babo, isto não  
é odiar o rico porque ele é rico;  
é querer anular essa desigualdade  
social que produz o rico e o pobre,  
é pretender reduzir todos os vá-  
lidos à qualidade de produtores  
com direito pleno de gozar a pro-  
dução de todos para a qual con-  
tribuem com a sua cota parte de  
esforço.

## Revulsivos

Ontem, por dever de officio,  
Fui pagar a senhoria  
Que me teve num suplicio,  
Indigindo mais que eu,  
Faltando de sacrificio.

Entre diversas razões  
Alego que o Estado  
Aumenta as contribuições  
Ao senhoria, obrigado  
A exigir compensações.

Mais disse a dama citada  
Que é justo que o inquilino,  
Que não paga quasi nada,  
Por um favor do destino,  
Dobre as rendas a parada.

E acrescentou, convencida,  
Que é mister se sacrificarem  
Uns por outros, nesta vida;  
Que todos se prontifiquem  
A dar a razão exigida.

Pedi-lhe, então, mas brincando  
O sacrificio, uma vez,  
De casa a borla, notando,  
Na careta que elle fez,  
Que se está... sacrificando.

J. B.

## A atmosfera política

O sr. Cunha Leal fica -- As tropas regressam aos quartéis

Em alguns dias que a cidade de Lisboa se encontrava cercada por inúmeras baionetas e canhões. A atmosfera era pesada, temiam-se conflitos graves entre a G. N. R. e as tropas da província. Afinal o abraço -- spuntou-se -- era amigável... Tudo dependia duma troca de palavras -- igualmente amigáveis -- troca que se realizou ontem entre o sr. Rodrigues Gaspar e o sr. Cunha Leal que das mãos do primeiro recebeu a adesão por escrito do partido democrático ao programa político que o presidente do ministério formulara para continuar a frente do poder executivo.

Havendo, pois, a anulação dos três partidos da conjunção, ficou aparentemente resolvida a crise com um acordo cujas bases são as seguintes:

1.ª -- As eleições serão adiadas para o fim do mês corrente, talvez para o dia 29.

2.ª -- Uma "entente" entre o governo e os partidos permitirá ao primeiro certa liberdade de acção em determinados círculos.

3.ª -- Uma comissão mista de oficiais do exército e da Guarda Republicana estudará a reorganização desta última unidade.

4.ª -- A reforma será presente ao Parlamento, que sobre ela se pronunciará.

5.ª -- As forças do exército, postadas em torno de Lisboa, regressarão a quartéis.

Após uma longa conferência com o presidente da república o sr. Cunha Leal ficou encarregado de reorganizar o ministério.

As tropas que se encontravam em torno de Lisboa começaram ontem a desmobilizar.

E andamos assim eternamente nesta dança -- desmanchando com a esquerda o que a mão direita faz.

A carestia da vida continua insuportável.

Segundo uma nota da secretaria do exterior vai ser nomeada uma comissão composta de oficiais do exército e da guarda republicana, afim de estudar as bases de uma nova organização da Guarda Nacional Republicana, sendo os seus trabalhos presentes ao Parlamento.

## A Novela Vermelha

Não foi posta ainda à venda a Novela Vermelha intitulada "O mestre geral", da autoria do nosso camarada Jesus Peixoto, em virtude de a Batalha ter estado encerrada durante estes últimos dias.

Contamos entretanto fazê-la aparecer muito brevemente.

## Liberdade de reunião

Em Castelo Branco as autoridades proibiram que falassem delegados da Federação da Construção Civil

CASTELO BRANCO, 3 -- E. -- Os operários da Construção Civil, reunidos em sessão magna na sede do seu sindicato, protestam contra as autoridades que proibiram que os delegados da Federação Nacional da Construção Civil fizessem uso da palavra.

Reclamam da organização providências perante o governo, pois as autoridades são reacções.

## Classes que reclamam

Mecânicos de Assúcar

Reuniu a assembleia geral que apreciou os trabalhos da respectiva comissão, sendo votada a greve em princípio das classes de mecânicos e manuais de Lisboa e Porto, caso a questão não seja resolvida.

A comissão volta hoje a entrevistar o ministro da agricultura.

## Vida anarquista

Grupo "Pioneiros do Futuro"

Reúne hoje, pelas 21 horas na sede dos mobilários.

União Anarquista -- Reúne hoje pelas 20 e meia horas, pedindo-se a participação de todos os grupos aderentes.

A Comissão Instaladora da Nova Organização pede a todos os indivíduos que fizeram parte da Nova Organização a comparencia à mesma hora a fim de se combinar qual o destino melhor a dar ao dinheiro que se acha na posse do camarada tesoureiro.

Toda a correspondência para a União Anarquista deve ser dirigida para: Francisco Quintal, Travessa da Água de Flor, 10, 1.ª Lisboa.

"Terra Livre" -- A fim de realizar trabalhos importantes reúne hoje, pelas 19 horas, no local do costume, pedindo-se a comparencia de todos os componentes.

## JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação -- Comitê Federal -- Reúne hoje, pelas 20,30 horas, este Comitê, em sessão extraordinária, para apreciar assuntos de inadiável resolução.

Não inutilizem a BATALHA. Enviai-a aos vossos amigos, parentes ou conhecidos.

## TEATRO APOLO

4.ª feira, 4 -- Às 21,15

GRANDE EXITO TEATRAL!

HOJE, 8.ª representação da nova revista

É o levas...

Muitos números bisados

Muitos números de efeito

Gracias às pilhas!

Magnífico desempenho

## AS GREVES

Manufactores de artigos de viagem

A greve desta classe, iniciada ontem, satisfaz plenamente pela coesão que se constatou, podendo afirmar-se que todos os operários cumpriram o seu dever. A comissão de demarques, que ontem se avistou com os industriais, conseguiu a adesão das casas Francisco Granel e Julian Rodriguez & C.ª e a promessa de algumas outras firmas, do envio duma resposta breve. Os grevistas à noite reunidos, apreciando a marcha do movimento e a pretensão dalguns industriais que desejam que o seu pessoal retorne ao trabalho, resolveram que tal se não dê, continuando a paralisação geral até que sejam satisfeitas as reclamações.

Hoje, a comissão de demarques prosseguirá, entrevistando os industriais que ainda não se pronunciaram.

O comité orientador da greve aponta aos grevistas a necessidade de manterem a mais estreita vigilância junto de todas as casas, prosseguindo com a mesma energia e perseverança, única garantia da vitória.

Para apreciar a marcha do movimento, reúne hoje às 18 horas.

Mutualismo e cooperativismo

Casa do Povo do Lumiar -- Para tratar de assuntos internos, deve reunir amanhã, a assembleia geral desta cooperativa, na sua sede, rua Direita do Lumiar.

Associação de Socorros Mútuos da Oficina de Carpinteiros de Branco do Arsenal da Marinha -- A eleição dos corpos gerentes para 1922, deu o seguinte resultado:

Assembleia geral -- Presidente, José Maria Chamusca; vice-presidente, Ciriaco José dos Santos; 1.º secretário, Joaquim Frazão; 2.º secretário, António Augusto Pires; vogais, Fortunato Gonçalves Pires e João Marques.

Directão -- Cândido José Leite, Inácio Pereira da Silva, Alfredo Nunes da Silva, Joaquim Mourão, Joaquim Fernandes Correia, Jerónimo Cezário, Adelfino Antunes da Silva.

Conselho fiscal -- Joaquim Ferreira Júnior, Ernesto Carreira dos Santos, Manuel Henrique e Alberto Baptista.

Câmara fixa bem

Para comprar qualquer coisa precisa duma casa que te sirva honestamente? Pois não hesites, procura o

PAVILHÃO AMERICANO

R. Marquês do Alegrete, 77

Ribeiro dos Invalidos do Trabalho

Receberam-se os seguintes legados: Do sr. Eusebio de Brito, 5.000\$000 nominis de inscrições, e do sr. Eduardo Augusto da Rocha Dias, 1.000\$000 também de inscrições.

Também se receberam os seguintes donativos: do sr. Alfredo da Fonseca, sufr gando a alma de D. Maria de Jesus Dias, 10\$000; do sr. João Gomes, 20\$000 e pelo acompanhamento do funeral do sr. Antonio Luis de Oliveira, 10\$000.

Inscreveram-se subscritores os srs. Miguel Inácio Pereira, Joaquim Martins Correia de Castro, Antonio Dias Alvaro Junior, Julio Martins, Alberto Ferreira de Matos, Antonio de Carvalho Daun e Lorena, A. Ferreira de Castro, Jorge Abreu, Nicol Mac Nicol, Jaime Raul do Nascimento, Luis Diogo da Silva, José Gonçalves, José Martins, Antonio Cardoso, Eduardo Pereira dos Reis, Amadeu da Costa, Leandro dos Santos e Alfredo Barbosa.

O jantar distribuído aos albergados em dia de Natal, constou do seguinte: Canja de galinha, galinha guisada, pastéis de bacalhau, azeitonas, laranjas, figos secos, vinho do Porto e charutos.

## A BATALHA

Diário da manhã

Porta-voz da Organização Operária Portuguesa

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Continente (Luzitânia), 1 mês, 2\$00; 3 meses, 5\$00; 6 meses, 10\$00; 1 ano, 20\$00.

África Ocidental e Espanha, 3 meses, 2\$00; 6 meses, 5\$00; 1 ano, 10\$00.

Colónias portuguesas, 6 meses, 2\$00; 1 ano, 4\$00.

Países estrangeiros, 6 meses, 2\$00; 1 ano, 4\$00.

O pedido de assinatura e de qualquer obra da secção de imprensa do Batalha devem ser acompanhados das respectivas importâncias e dirigidos à administração de A Batalha, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, Lisboa-Portugal.

CORRESPONDÊNCIA

A correspondência relativa à redacção deve ser dirigida a Alexandre Vieira, redactor principal de A Batalha.

Os assuntos relativos à administração não devem ser enviados na correspondência para a redacção, devendo ser tratados directamente com a parte. Não se restituem os autógrafos.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Telefone 5339 C.

## A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Almada

2 DE JANEIRO

Proezas dum cabo da G. R.

Vieram-nos informar que hoje, um cabo da guarda republicana, que de Lisboa tinha vindo passear a Cacilhas, tinha dado um tiro de pistola no sr. Eugénio A. Chagas.

Puzemo-nos logo em campo à procura de informes, e apurámos o seguinte:

O referido cabo e mais alguns marujos, alugaram ao sr. Chagas, uma sidecar para darem um passeio, sendo a mesma guiada pelo sr. Chagas.

A certa altura, porém, o cabo -- que é o número 22 -- começou de praticar tais tropelias, que teve que ser repreendido pelo chefe.

O cabo, não gostando da admoestação, ofereceu aquele uma bofetada. Vendo-se o chauffeur ameaçado, disse ao cabo que se este lhe desse uma bofetada, que então ele lhe daria com um martelo que ali tinha. Acto contínuo o cabo puxa de uma pistola e faz fogo contra o Chagas, que não foi morto devido à pistola se encravou, chegando ainda o fumo a crear-lhe o casco.

Chamada a guarda para intervir, foi o cabo preso e levado para Almada. Sendo-lhe perguntado no caminho por um dos guardas, se era verdade ele ter dado o tiro, respondeu cinicamente que sim e que tinha bastante pena de não o ter morto.

Ora isto constitua prova mais que suficiente para ser imediatamente metido na cadeia, a fim de responder pelo crime de homicídio frustrado, conforme manda a lei. Mas tal não aconteceu. Uma vez chgado a Almada, mandaram-no embora, e lá se foi muito satisfeito pelo acto praticado.

O povo desta localidade encontra-se bastante exaltado com o sucedido. -- C.

Publicaremos crítica ou referência às obras de que nos enviarem dois volumes

Contra uma fraude

Alegando e com razão que o emprego dos moínhos de açúcar em rampas refinarias é prejudicial aos interesses dos operários refinadores, representaram estes ao sr. ministro da Agricultura pedindo-lhe que não somente em seu benefício mas também no próprio interesse da saúde pública determinasse que os referidos moínhos desapareçam das fábricas ou refinarias de Lisboa e do Porto em número, respectivamente, de vinte e duas e catorze.

E de esperar que esta reclamação seja atendida, sem delongas, tanto mais que a venda para consumo do açúcar em rampa ou moído, como ela se está fazendo, é proibida por lei por se ter reconhecido que o açúcar, nesse estado, é prejudicial à saúde, devido às impurezas que contém, acrescentando que ao açúcar moído podem facilmente juntar-se outras substâncias igualmente prejudiciais à saúde.

A comissão delegada dos operários refinadores de açúcar do Porto procurou ontem o ministro da agricultura para saber quais as providências tomadas acerca da venda ao público de açúcar em rampa, o que não só constitui um perigo para a saúde pública como também afecta fortemente os interesses da classe. O assunto está sendo estudado pelas autoridades competentes.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Caixeiros de Lisboa. -- Estão patentes desde hoje, das 21 às 24 horas, o relatório e contas e livros de escrituração da gerência de 1921.

Estivadores do Porto de Lisboa. -- A pedido do conselho fiscal, reúne amanhã, a assembleia geral, para apresentação dos trabalhos do mesmo conselho durante o ano transacto.

Inscritos Marítimos. -- A comissão nomeada para se entrevistar com o ministro do Comércio, a propósito da admissão a bordo dos navios do T. M. E. de pessoal estrangeiro, foi respondido que os mesmos T. M. E. mantinham a anterior atitude, que é a de não desembarcar o pessoal estrangeiro que se encontra a bordo.

Corticeiros de Lisboa. -- Reúne a classe corticeira em grande número para apreciar a momentânea carestia da vida e a aplicação da cédula pessoal, estando os operários corticeiros excitados com estes assuntos e dispostos a acatar todas as resoluções que a U. S. O. venha a tomar nesta questão.

CONVOCAÇÕES

Fabricantes de cal. -- Reúne hoje esta classe em assembleia geral, às 20 horas.

Carruageiros. -- Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão de defesa profissional para continuação do "inquérito estatístico" de todos os componentes da indústria e de todas as oficinas existentes em Lisboa.

Misericórdia de Tomar

Estava anunciada para ontem a adjudicação duns bens que lá pouco lhe foram legados.

Tendo alguem, em quem o Centro Socialista Tomarense e o Núcleo da Juventude Socialista local delegaram poderes, feito um requerimento pedindo se sustasse o acto por falta de formalidades legais, foi o requerimento deferido pelo ministro, o que registamos com prazer.

Sabemos que o Núcleo continua trabalhando para de vez se arrumar o assunto, ficando os bens em poder da Misericórdia, o que terá um largo alcance social.

## A BATALHA

Coliseu dos Recreios

Telef. C. 4100

ULTIMA SEMANA

de espectáculos da

Grande Companhia de Circo

O maior sucesso da actualidade

Todas as noites espectáculo variado

Prazer! Gargalhada! Alegria!

O melhor e mais barato espectáculo de Lisboa

MUNIÇÕES

PARA "A BATALHA"

Transporte.... 23.267\$71

António Correia Barreira.... 1\$00

Francisco Miguel de Azevedo.... 5\$00

Caetano José Pires, Alcaçarias.... 5\$07

Anónimo.... 1\$10

Bartolomeu Ribeiro da Costa.... 5\$00

Mário de Oliveira, Guarda.... 5\$56

Manuel Ferreira Quartel.... 5\$50

A. Ferreira da Silva, Lobo.... 4\$80

Joaquim Simão da Silva, Albufera.... 5\$50

Um Sapateiro.... 1\$00

Januário Barbelos.... 7\$75

Associação do Pessoal do Depósito Central de Fardamentos (cota de auxilio).... 5\$00

Raul Neves Dias, Lourenço Marques.... 0\$00

João Belo, Caldas da Rainha.... 1\$12

Carlos de Sousa.... 2\$00

José S. Oliveira.... 5\$50

Manuel Ferreira Quartel.... 5\$50

Associação dos Rurais, Escorial.... 20\$00

Augusto Carlos Rodrigues.... 2\$00

José Mendes Claro, Coimbra.... 1\$16

Um Electricista.... 1\$25

Ricardo Correia Perpetuo.... 1\$25

Quele um jantar de confraternização de operários do Arsenal do Exército e Ferrovários do Sul e Sueste.... 6\$30

João Miguel Mauricio, Terrem.... 1\$50

Um Pedreiro.... 2\$25

Quele um jantar oferecido pelo Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército e Ferrovários do Sul e Sueste.... 26\$40

José Elias.... 1\$00

Cebola.... 2\$20

Francisco Pereira Sousa.... 5\$80

Manuel Nunes Caboreira.... 2\$08

Um achado.... 13\$80

Quele entre os Operários Manipuladores de Pão.... 3\$30

Carlos de Sousa.... 1\$30

Manuel Ferreira Quartel.... 1\$50

Artur Pedro dos Santos.... 5\$50

A transportar.... 23.378\$50

SEARA NOVA

JÁ SE ENCONTRA À VENDA NA ADMINISTRAÇÃO DE "A BATALHA"

O N.º 5

PREGO 50 OTVS.

Na Povoia de Varzim

Os operários mobiliários constituem o seu sindicato único

POVOA DE VARZIM, 31. -- E. -- Continua tomando maior vulto, a avalanche dos operários, organizando-se convenientemente, para a defesa dos seus interesses económicos, morais e profissionais.

Já há muito que se vinha reconhecendo a necessidade dos operários mobiliários desta vila criarem o seu baluarte sindical.

Mercê de algumas boas vontades, os operários mobiliários, que até aqui tinham sofrido uma verdadeira escravidão movida pelo patronato, acabam de acordar do seu sono de escravos para serem homens livres.

Era abusando, seguros de que os mobiliários se não oporiam a todas as suas exigências, que o patronato da Povoia de Varzim fazia trabalhar os mesmos operários 12 e 14 horas por um salário irrisório, pois que não valia a pena de 3\$50, porque não possuíam a sua associação de classe.

E a organização em marcha! A organização nasce espontânea, apesar do influxo recebido da organização dos sindicatos local e da acção da Delegação da Federação Mobiliária no Norte.

Após várias reuniões preliminares, numa última reunião foi aprovado, por quasi a totalidade dos operários mobiliários desta vila que para tal fim reuniriam na sede da U. S. O., a constituição do seu organismo que ficou denominado-se "Sindicato Único dos Operários da Indústria Mobiliária da Povoia de Varzim". Aprovados os seus estatutos procedeu-se imediatamente à eleição da comissão administrativa.

O delegado da Federação, fazendo uso da palavra, historia o que é o movimento operário, bem como qual a função dos sindicatos e ainda o grande papel a desempenhar pela referida Federação.

Entre grande entusiasmo, depois de diversos camaradas fazerem uso da palavra, a assembleia foi unânime em dar a adesão a C. G. T., U. S. O. e Federação.

"Peróxhydril"

A melhor água oxigenada. A venda em todas as farmácias e drograrias. Fabricantes: Bandeira de Melo, Ltd.

## Ultimas noticias

NA ACADEMIA DE SCIENCIAS

A conferência do sr. Cunha Leal

Mantém-se a ordem afastando as causas da desordem e não pondo a G. N. R. em acção -- diz o conferente

A Academia de Ciências encheu-se ontem de gente e de ruído. Foi uma das raras vezes em que naquela ridicula cidade do passado morto, entrou uma rajada forte da época agitada que actualmente se vive.

O sr. Almeida Lima apresentou o conferente declarando que ele foi um dos seus alunos mais inteligentes. Nova salva de palmas, desta vez mais forte que a primeira, e o sr. Cunha Leal começa a discorrer.

Sente-se feliz -- diz o sr. Leal -- por estar naquele momento na Academia Real das Ciências. (Esta pequena gafe provoca uns sorrisos pálidos).

O sr. Cunha Leal, sem se desconcertar, afirma que o país exige ordem, paz, tranquilidade.

Sem se opor a ordem à desordem, a paz à guerra, a tranquilidade ao desespero, o Estado não pode conduzir o povo à felicidade.

O sr. Cunha Leal começa a seguir analisando as causas da desordem. Todo o português quer mandar nenhum quer obedecer. Não deseja ser um pastor de rebanho, mas sim um condutor de almas. Não lhe venham pedir perseguições, porque ele não obedece às sugestões daqueles a quem o ódio político desvafora.

A ordem não se mantém apenas pelo facto de existir pronto para a primeira voz um esquadrão da G. N. R. destinado a carregar sobre os desordeiros.

Essa critério absurdo só pode ser perfilhado por um cabo de polícia. Manter a ordem é afastar inteligentemente as causas da desordem.

A desordem tem sido muitas vezes promovida pelos amigos da ordem.

Não se faz vida local. O país está acurralado no Terreiro do Paço. A república que devia ser descentralista, tem combatido de tal modo a província que cada vez mais se começa acentuando o divorcio entre ela e Lisboa.

A produção tem diminuído consideravelmente. E a troca aumentou duma maneira espantosa. Cresceu o número dos intermediários e as especulações comerciais revelam uma ganância extraordinária. Amontoa oiro e notas que não significam oiro. Apareceram os novos ricos, e surgiu de novo a legião dos escravos. Se querem apresentar a fome como factor da desordem, mate-se a fome ao povo. Assim resolver-se-ia, em parte, o problema da ordem.

Se fossem operários, compreendia-se.

Fica o governo Cunha Leal?

De madrugada recebemos a seguinte nota officiosa:

Invocando razões de conveniência para a Patria e para a Republica o sr. presidente da Republica instou com o sr. presidente do ministério para que desistisse do pedido de demissão colectiva do gabinete. Em virtude disso, e tendo chegado a um acordo com os partidos, o sr. presidente do ministério retirou o pedido que havia feito.

Se fossem operários, compreendia-se.

Se fossem operários, compreendia-se.

Se fossem operários, compreendia-se.

Se fossem operários, compreendia-se.

Se fossem operários, compreendia-se.

Se fossem operários, compreendia-se.

Se fossem operários, compreendia-se.

Se fossem operários, compreendia-se.

Se fossem operários, compreend